

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO HISTÓRIA – BACHARELADO

CAMILA MARIA OLIVEIRA DE MELO

**HEROÍNAS POR NATUREZA, MELINDROSAS POR PRAZER: UMA ANÁLISE
ECOFEMINISTA DAS NOTÍCIAS DE CINEMA NO JORNAL DE ALAGOAS (1920)**

Maceió (AL)

2024

CAMILA MARIA OLIVEIRA DE MELO

**HEROÍNAS POR NATUREZA, MELINDROSAS POR PRAZER: UMA ANÁLISE
ECOFEMINISTA DAS NOTÍCIAS DE CINEMA NO JORNAL DE ALAGOAS (1920)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes (ICHCA), da
Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharelado em História.

Orientador: Prof. Dr. Elias Ferreira Veras.

Maceió (AL)

2024



Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte - ICHCA
Curso de História - Bacharelado

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o Curso de História da UFAL aprovou em sua Resolução que regulamenta o Trabalho de Conclusão de Curso, de 03 de maio de 2018, em seu Artigo 10, parágrafo 4, a possibilidade de aceitação de “[...] *capítulos de livros publicados de forma individual, desde que sejam resultados de pesquisa original e inédita, com ISBN [...]*”. Nesse sentido, o capítulo intitulado Heroínas por natureza, melindrosas por prazer: uma análise ecofeminista das notícias de cinema do jornal de Alagoas (1920), de autoria de Camila Maria Oliveira de Melo, matrícula 22211882 (História/Bacharelado) publicado em Coletânea pela Edufal, com ISBN, está de acordo com nossa Resolução de TCC em vigor. Informo, ainda, que o/a referido/a estudante foi aprovado e cumpriu todas as etapas do curso.

É o que me cumpre declarar.

Maceió, 25 de dezembro de 2024.


Documento assinado digitalmente
gov.br ANDERSON DA SILVA ALMEIDA
Data: 25/12/2024 09:43:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Anderson da Silva Almeida
Siape: 1295765
Coordenador do Bacharelado em
História

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que CAMILA MARIA OLIVEIRA DE MELO do capítulo: **Heroínas por natureza, melindrosas por prazer: uma análise ecofeminista das notícias de cinema do jornal de Alagoas (1920)**. Esse capítulo faz parte da obra intitulada *(In)desejáveis: LGBTQIA+ e feminismo na imprensa de Alagoas (Século XX)*, de Elias Ferreira Veras e Roberta dos Santos Sodó (Org.), faz parte do acervo da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal) e pode ser depositado no Repositório Institucional da Ufal (RIUfal).

Maceió, 27 de dezembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA LINS DE LIMA**
Data: 27/12/2024 13:18:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Fernanda Lins de Lima
Coordenadora Editorial da Edufal

Elias Ferreira Veras
Roberta dos Santos Sodó
(Org.)

Homossexuais protestam
contra reportagem que
denuncia o roteiro-gay

União das Mulheres faz
protesto contra estupro

DEMOCRACIA
RACIAL?
NADA DISSO!

Lêla Gonzales
(Transcrito da Revista Mulheres)



[IN] DESE JA VEIS

LGBTQIA+ E FEMINISMO
NA IMPRENSA DE ALAGOAS
(SÉCULO XX)

Homem-mãe já foi visitado
por 5 mil e laudo médico
revoltou o povo de Lajes

terreno baldio é reduto
de gente desclassificada
mariposas numa noite

componentes do Núcleo da
Fazenda sob o comando
do capitão Nilton Rocha e
do tenente Manoel
Rodrigues, chegaram
diversas ruas da
cidade, na noite de ontem.

A frequência das "mariposas"
pelas ruas da cidade, notadamente
à noite, está tornando-se
um vício, com a consequência
do fechamento de todas as
lanchonetes que existiam no bairro.

Vendidas ao Primeiro
Distrito de Polícia da Capital,
ficando à disposição do
bacharel Valter Moreira, Delgado
do plano na noite de
ontem, agindo liberadas horas.

 **Edufal**

Catálogo na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - Edufal

Núcleo de Conteúdo Editorial

Bibliotecário Responsável: Roselito de Oliveira Santos – CRB-4 – 1633

I38 (In)Desejáveis : LGBTQIA+ e Feminismo na imprensa de Alagoas (séculoXX) / Elias Ferreira Veras, Roberta dos Santos Sodó (Org.). — Maceió : Edufal, 2024.
513 p. : 22 cm

Inclui bibliografia.

ISBN- 978-65-5624-273-6 E-book

1. LGBTQIA+. 2. Imprensa em Alagoas. 3. Feminismo I. Título.

CDU: 94(813.5)

**Direitos desta edição reservados à Edufal -
Editora da Universidade Federal de Alagoas**

Av. Lourival Melo Mota, s/n

Campus A. C. Simões

Centro de Interesse Comunitário - CIC

Cidade Universitária, Maceió/AL

CEP: 57072-970

Contatos: www.edufal.com.br

contato@edufal.com.br

(82) 3214-1111/1113

Editora afiliada



Heroínas por natureza, melindrosas por prazer: uma análise ecofeminista das notícias de cinema no Jornal de Alagoas (1920)

Camila Maria Oliveira de Melo

*Para Elias Veras. Em memória de Ana Paula
Palamartchuk e José da Silva Oliveira.*

Introdução

Em sua obra *O segundo sexo*, a filósofa existencialista francesa Simone de Beauvoir (2020, p. 63) nos diz: “O homem não é uma espécie natural: é uma ideia histórica. A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir a ser”. Assim como Simone, entendo que não existem manuais biológicos inerentes ao homem ou à mulher que descrevem seus papéis na sociedade. Mais do que isso, parto do pressuposto de que os esquemas sociais são mais importantes do que o sexo de nascimento para moldar os destinos individuais e os caminhos da humanidade.

Neste capítulo, analiso alguns anúncios de filmes que estiveram em cartaz nos cinemas de Maceió durante a década de 1920 e os discursos do *Jornal de Alagoas* sobre eles. Quais as relações entre a mídia hegemônica (aqui representada pelo referido periódico), o cinema (aqui representado pelos anúncios do Cinema Odeon e do Cinema Floriano) e a manutenção de estereótipos de gênero relacionados às mulheres, pessoas com útero ou com características consideradas femininas?

Divido o presente capítulo em três seções. Na primeira, analiso a linha editorial do jornal, a fim de entender como e por que as escolhas foram feitas. Em seguida, em “Heroínas por natureza” e “Melindrosas por prazer”, problematizo os discursos sobre o feminino na imprensa da capital alagoana. Com o termo *heroínas por natureza* conceituo a figura da heroína, símbolo da mulher do lar e da família no cinema, adentrando a temática da natureza feminina e como essas duas imagens estão interligadas. Já em *melindrosas por prazer*, além de apresentar a figura da melindrosa, símbolo do moderno e, de certa forma, da liberdade no cinema, adentro a temática da erotofobia, como essas duas imagens se interligam e a recepção por parte do *Jornal de Alagoas* a essa nova possibilidade no cinema. O diálogo com o ecofeminismo foi fundamental para a abordagem sobre essas personagens femininas do período.

Por fim, este é um trabalho que dedico com amor a meu amigo Elias Veras, por quem tive o caminho cruzado com grande afeto e quem me guiou até aqui. Dedico também aos que não estão mais conosco: Ana Paula Palamartchuk e José da Silva Oliveira. Paula, grande referência acadêmica e minha sempre desorientadora, como ela gostava de dizer. Seu Oliveira, meu avô, que me deu bases fortes de caráter e me criou com a certeza de que eu podia ser quem quisesse. A vocês, todo meu respeito e agradecimento.

***Jornal de Alagoas*: um jornal de homens**

Fundado em 31 de maio de 1908 pelo então deputado Luiz Silveira (Figura 1, presente na edição de aniversário do noticiário), o *Jornal de Alagoas* esteve sob sua direção até 1933, quando, “por circunstâncias políticas” (*Gazeta de Alagoas*, 2023), foi vendido para outro grupo. Sob nova direção, o *Jornal de Alagoas* seguiu com o mesmo nome até 1993, quando, por fim, fechou suas portas.

A edição de 31 de maio de 1921 diz respeito à comemoração do aniversário do jornal. Por essa particularidade, usaremos esse número para entendermos sobre o perfil do noticiário no início da década. Enquanto as edições comuns possuíam quatro páginas, essa, por ser comemorativa, contava com oito. Houve também uma ampla utilização de fotografias, outro fator que demonstra o investimento feito nessa edição, visto que a utilização de retratos ainda era um recurso caro e, para baratear o custo do noticiário, a escolha por ilustrações era mais comum. Além desses fatores, toda primeira página foi dedicada ao aniversário do jornal.



Figura 1 - Luiz da Silveira, fundador do *Jornal de Alagoas*

Fonte: *Jornal de Alagoas*, Maceió, 31 maio 1921, p. 1. Acervo: APA.



Figura 2 - Corpo editorial do *Jornal de Alagoas*

Fonte: *Jornal de Alagoas*, Maceió, 31 maio 1921, p. 1. Acervo: APA.

A Figura 2 apresenta parte do corpo editorial do período: dr. Leonino Corrêa, colaborador que assinava como Braziliense Junior; Faustino da Silveira, redator secretário; Carlos Garrido, responsável pela seção “Registo Social” com o pseudônimo de Z.; dr. Castro Azevedo, jornalista; dr. Barreto Cardoso, “prosaador e poeta”; Arthur Accioly e Lima Júnior, redatores. Na seção “Tópicos”, presente na oitava página desta edição (infelizmente, não assinada), outros nomes são lembrados:

O jornal estampa hoje um grupo photographico em que se reúnem alguns membros de sua <família>. São: Leonino Corrêa, sob o pseudonymo de Braziliense Junior - polemista vibrante, que é um dos nossos mais queridos colaboradores; Carlos Garrido, espirito fino de artista, a quem devemos uma acintillante collaboração de todos os dias; Castro [ilegível] - vigorosa compleição de jornalista e um dos nossos cooperadores mais prezados; Barreto Cardoso, o [ilegível] Zé Pancada que, collaborando

no Jornal, se tornou uma figura indispensável ao nosso meio, e mais Faustino da Silveira, Arthur Accioly e Lima Junior, redactores desta. Olha, o nosso desejo foi que a objectiva apanhasse um grupo maior, em que estivessem outros que são da <casa>, dando-nos a sua colaboração valiosa, como Luiz Accioly, Messias de Gusmão, Cassiano de Albuquerque, José Avelino, Cardoso Ayres, Octavio Gomes, Ranulpho Goulart e varios outros igualmente dignos de nossa melhor amizade, não falando nos que estão longe, como Oliveira de Silva, Carlos Rubens, Theotonimo Ribeiro, Gastão Silveira, Lobão Filho, Erico Magalhães e Oscar de Carvalho que nós não esquecemos na data de hoje.

Alegar-nos-ia ainda mais se a chapa photographica pegasse outros que nos deixaram porem que, estamos certos, continuam a amar-nos como continuam a merecer o nosso affecto: Jayme d'Altavilla, Povina Cavalcanti, Cypriano Jucá, Tito de Barros e mais alguns, donos de intelligencia rutilantes e fascinadoras.

Mas não nos foi dado esse prazer, e nós nos contentamos em afirmar a todos a sinceridade da nossa gratidão pelo proprio auxilio que até hoje nos tem concedido, gratidão que se estende ao publico para quem temos vivido, aos nossos dignos e dedicados operarios e aos intelligentes auxiliares de redacção Salustiano Eusebio de Barros e Luiz de Mello Motta (*Jornal de Alagoas*, Maceió, 31 maio 1921, p. 8).

Há também uma menção honrosa na terceira página, com fotografia em preto e branco de José Magalhães da Silveira, irmão do diretor do jornal, Luiz Silveira.

Uma característica a se observar na exaustiva lista de colaboradores e nas fotografias indexadas é a ausência de nomes e imagens femininas. Roberta dos Santos Sodó (2024) analisa

três periódicos alagoanos – *Revista Alagoana* (1887), *O Feminista* (1902) e *O Rosal* (1903) –, todos com colaborações de mulheres e/ou discussões visando à promoção de um ambiente mais convidativo para aquelas que os liam. O *Jornal de Alagoas* foi fundado em 1908, o que o faz contemporâneo às obras estudadas por Sodó. Não nos parece que a ausência de mulheres no editorial tenha se dado por falta de competência ou interesse, já que existem registros de mulheres exercendo o ofício da escrita em Maceió trinta anos antes da edição aqui analisada.

Além da já comentada ausência de figuras femininas na construção do jornal neste período, ressaltamos também um outro ponto de atenção: a considerável quantidade de doutores em sua redação. Numa realidade onde a taxa de analfabetismo no país chegava a 71,20% (Natália Gil, 2022), o grupo possuía um forte marcador de classe que pode ter sido um fator de influência na escolha das pautas e direcionamentos editoriais.

Gabriela Torres Dias (2018), em sua dissertação *Os intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950)*, traz um panorama sobre a gênese e o desenvolvimento da educação no estado de Alagoas. Em suas palavras:

Fica claro o verdadeiro contraste na proposta educacional de Alagoas [...] que variava de acordo com as classes sociais. De um lado, à população empobrecida, analfabeta ou semianalfabeta, cabia uma educação precária, mecanicista, no máximo inclinada para o aprimoramento do trabalho braçal. Do outro, voltada para os filhos da elite e da classe média, estava uma educação de melhor qualidade, pois dispunham de recursos financeiros para frequentar escolas particulares dentro ou fora do estado para posteriormente, chegarem à formação superior nas Universidades (Torres, 2018, p. 31).

Ao longo da década, encontramos colaborações femininas pontuais⁹, mas, apesar disso, pouco foi modificado estruturalmente. Os periódicos continuaram a levar discussões de interesse majoritário à classe dominante e temas normalmente associados ao universo masculino, além de manter os assuntos relacionados às mulheres como secundários e/ou superficiais.

Heroínas por natureza

O *Jornal de Alagoas* despendeu bastante espaço para as artes. Muitas vezes ocupando a primeira página do noticiário, pautas sobre cinema, teatro e literatura dificilmente apresentavam-se subtraídas das edições. Aqui, olharemos com atenção para o cinema. Antes de adentrar no conteúdo encontrado no noticiário, faz-se necessário o esclarecimento sobre alguns norteadores teóricos que seguirão conosco a partir daqui.

Letícia Nascimento (2021), mulher trans, preta, gorda, professora universitária e ativista transfeminista, em seu trabalho intitulado *Transfeminismo*, apresenta a ideia da *mulher original do feminismo*. Em suas palavras,

Revisitando as origens do conceito de gênero, é possível perceber que, em sua gênese, embora traga as marcas de cada cultura, restringiu-se, por um tempo, à experiência da mulher cis, heterossexual, branca, de classe média, magra, sem deficiências – que ocupa uma posição superior e de privilégio social, sendo o ideal performativo a ser alcançado por todas as mulheres. Chamaremos, de modo sintético e metafórico, a mulher com as caracte-

⁹ Em nossas pesquisas, identifiquei no exemplar de 9 de janeiro de 1929 uma coluna da página 3 intitulada “Página feminina”. Logo abaixo da chamada há a descrição: “colaboração especial de Cynira Braga para os jornais inscritos no DTD”. Infelizmente, não encontrei o significado da sigla DTD.

rísticas citadas de “mulher original do feminismo”. Ela configura-se historicamente como sujeita central nas análises feministas, numa perspectiva universalizante (Nascimento, 2021, p. 21).

Além do entendimento de que neste momento estamos tratando de um perfil específico de mulher, o qual também chamaremos neste capítulo de *mulher original do feminismo*, estamos tratando de um momento específico do cinema. Para entendermos um pouco mais sobre o papel da sétima arte no imaginário popular e na construção do ser mulher dentro deste recorte temporal, nós nos ateremos também às palavras de Carla Miucci Ferraresi de Barros (2016, p. 57-58):

De meados de 1909 até a eclosão da Primeira Guerra, o cinema passou a ser o lugar privilegiado de veiculação e popularização da heroína, que encarnava o ideal de beleza e feminilidade que servia às mulheres brancas, pertencentes à nascente classe média urbana estadunidense. Além das telas, as heroínas também podiam ser vistas nas chamadas *fans magazines*, *cards*, *posters* e em todo o aparato de divulgação dos filmes, financiado em grande medida pelos próprios estúdios. Essa engrenagem interferia diretamente na performatividade do gênero feminino, já que a figura da heroína reiterava normas que correspondiam aos discursos normatizadores impostos pela sociedade patriarcal, conservadora e heteronormativa, como aquelas ligadas aos papéis sociais da mulher relativos ao casamento, à maternidade e aos cuidados com a família.

Apesar de Carla Barros trazer um cenário referente à virada da década de 1900 a 1910 e aqui estarmos trabalhando com a década de 1920, a comunicação em longas distâncias ainda não era

tão rápida e efetiva, o que nos faz sugerir que as tendências exportadas do norte global demoravam para se fixar nos trópicos. Encontrei fontes com referências ao perfil da heroína no início da década de 1920, indicando que ainda chegavam películas por aqui com esse tipo de personagem, fazendo coro ao discurso de *natureza feminina*.

Sobre a ideia de *natureza feminina*, usarei como referencial teórico o ecofeminismo, teoria que relaciona as opressões aplicadas às mulheres com aquelas empregadas para a natureza. No artigo intitulado “A relação mulher e natureza: laços e nós enredados na teia da vida”, Loreley Garcia (2009), professora titular aposentada da Universidade Federal da Paraíba, nos traz um excelente panorama sobre a questão:

A ideia de natureza surge como realidade separada e subjacente ao homem e não como um nexos no qual a humanidade está inserida. [...] O conceito de humano colocado *fora* da natureza revela uma inversão cultural da realidade natural. [...] Uma das chaves para essa descoberta estaria na identificação da mulher com as formas não humanas *de vida*, originada num mundo primitivo quando o papel reprodutivo exigia que se ocupasse da reprodução da vida, no cuidado com as crianças (inclusive o adestramento para o bipedismo), na produção e preparo do alimento, roupas, cestos, artefatos de cerâmica entre outras funções para manutenção da vida. [...] Observa-se que, geralmente, os homens ocupam-se de tarefas que, não por acaso, têm maior prestígio social e que demandam maior energia ocasional [...]. Além do trabalho incessante com a manutenção da existência, seria a origem da distinção entre trabalho ou obra e labor, trabalho produtivo e improdutivo, trabalho de produção e de reprodução, portanto sem valor (Garcia, 2009, p. 11-12).

Loreley vai nos primórdios da socialização humana em busca de respostas para entender como, apesar das diferenças culturais comuns quando falamos de sociedades diferentes, em distintas regiões geográficas, diversas comunidades atribuíram responsabilidades muito semelhantes às figuras femininas. O que Loreley e outras teóricas do ecofeminismo encontraram foram reforços sobre a ausência de evidências robustas que relacionem diretamente questões biológicas inerentes a um sexo ou ao outro às atividades de cuidado. Como podemos observar, desde o princípio, o que se convencionou chamar de *natureza feminina* não passa de uma questão de comodidade e arranjo social.

Dados os direcionamentos teórico-metodológicos, infiro que não seja errôneo afirmar que durante esse período o cinema foi um importante veículo difusor do conceito de *natureza feminina* tendo como público-alvo *a mulher original do feminismo*: as protagonistas dos filmes – em quem as espectadoras com aquele perfil se espelhavam e gostariam de ser – estavam sempre ligadas a um homem, a uma ou mais crianças e a um lar. Desta vez, apresentadas como *heroínas*, traziam estéticas angelicais, belos vestidos, personalidades dóceis e o amor incondicional pela família. Além disso, as tramas costumavam ter enredos nos quais as protagonistas precisavam passar por certa dificuldade na adaptação à vida adulta. Por vida adulta, entende-se a vida de casada, em que todo esforço e dedicação, apreendidos de maneira heroica e quase santificada, valiam a pena quando as dificuldades eram superadas.

Esse popular estilo de personagem, como retratado na Figura 3, aparecia com o objetivo de camuflar o árduo trabalho por trás das atividades não remuneradas ligadas ao cuidado, fosse com o marido, com os filhos ou com o lar, transmitindo a ideia de que essas eram tarefas não só nobres, mas também inerentes ao sexo feminino.

THEATRO CINEMA FLORIANO
DOMINGO

Um programma da mais alta emoção
A fascinadora, a queridíssima, a incomparável soberana do screen americano.

DOROTHY DALTON
Secundada por um dos maiores artistas da scena muda, o impecavel Thomas Holding em 7 actos da grande marca Paramount

MALDIÇÃO DE LOUCO
Que é incontestavelmente, uma das obras mais perfeitas e mais intensamente emocionantes nos ultimos tempos apparecidas em nosso ecran.

Maldição de um Louco—Domingo—
DOROTHY DALTON
A seguir : **EM HASTA PUBLICA**, 10 actos super extra da Goldwyns Films



Figura 3 - Vida de casada

Fonte: *Jornal de Alagoas*, Maceió, 4 nov. 1920, p. 2. Acervo: APA.

Apesar disso, fora das telas do cinema, as atividades de manutenção da vida seguiam sendo desvalorizadas, não remuneradas e altamente exaustivas. O lento desenvolvimento de mulheres em outras áreas não relacionadas à família e ao lar se deve também, apesar de haver outros fatores, à histórica dupla jornada de trabalho enfrentada por aquelas que optaram por dividir sua energia entre o mundo do trabalho sem abandonar as atividades relacionadas ao seu destino *natural*.

Melindrosas por prazer

A década de 1920 foi marcada por grandes disputas de narrativas e impactantes transições sociopolíticas. Com a ocorrência da I Grande Guerra Mundial e a necessidade de a mulher ser inserida no mercado de trabalho, novos personagens para

o imaginário coletivo precisaram ser criados para que o mundo real seguisse dentro do esperado, apesar da anormalidade. Foi aqui que a *mulher original do feminismo*, até então representada pela personagem da *Heroína* nos cinemas, passou a ter a possibilidade de substituir características arcaicas, ligadas ao modo de vida vitoriano e associado ao século XVIII, para o que estava sendo apresentado pelo cinema sob a ótica de sua nova personagem: a *melindrosa*, ou ainda, a *flapper*. Com características de personalidade marcante, vestimentas confortáveis e modernas, inseridas no mundo do trabalho e do prazer, o perfil da melindrosa, fosse no cinema, fosse na vida real,

Deixa para traz a heroína e marca um novo modelo de feminilidade ligada aos tempos modernos. Trata-se não só da mulher como consumidora na sociedade de massa, mas de uma mudança na performatividade e no processo de subjetivação, que passou a envolver determinadas experiências identificadas e identificadoras do gênero feminino, que em muitos aspectos, diferenciaram-se das vividas pelas heroínas do cinema, cuja identidade de gênero fora construída em outras bases.

Frequentadoras dos espaços públicos como cafés, cinema e livrarias, flanam sozinhas pelas ruas, fumam e observam vitrines. Independentemente, elas têm trabalho e seu próprio salário. Assumem postos de vendedoras de lojas de departamento, cosméticos e moda. São também secretárias, telefonistas e copeiras. Flertam e escolhem o homem que vão seduzir. Usam cabelos curtos, vestidos fluidos e decotados. Sonham em se casar, mas não fazem disso seu objetivo de vida. As *flappers* tornaram-se, assim, veículos de uma mensagem perigosa ao *statu quo* (Barros, 2016, p. 62).

É evidente que tamanha mudança não aconteceria de forma vertiginosa, tampouco seria recepcionada com hospitalidade por todos os setores da sociedade. Os filmes com as *melindrosas* disputavam espaço com os filmes das *heroínas*, o que significa que não houve uma transição harmônica entre esses dois momentos, acontecendo de maneira concomitante.

Ao observar as páginas do *Jornal de Alagoas*, encontrei na seção “Registo Social”, na edição de 19 de julho de 1921, a opinião oferecida pelo colaborador Carlos Garrido, sob o pseudônimo de Z, sobre o tema:

Proclamam os maldizentes, os pessimistas, os que só veem a existencia pelo prisma mal e pelo lado pôdre, que o cinema é uma escola de corrupção: expansões sensuaes, beijos, decotes, champanha – o elogio e a tentação da vida alegre.

Não contesto isso com certos films.

O que, porém, não se pode negar igualmente, é que o cinema não raro se torna vehiculo de fortalecimento moral. Depende o descalabro ou o equilibrio das virtudes os mais das vezes, ao meu ver, das proprias tendencias, dos mesmos sentimentos dos espectadores. Uma pelli-cula com can-cans, num delirio de prazer bestial, pode agradar, não ha duvida, a determinados temperamentos; a outros, provoca repulsa. Emquanto isso, quando se projecta uma fita de enrêdo ingenuo, mimoso, como essa que meia cidade assistiu ante-hontem no Floriano e ainda hontem no Odeon, é um goso feliz, uma dôce impressão de alegria innocente a encher o espirito e de alma confortada que nos faz bem e nos dá animo de viver.

Não é reclame, porque já passou. Mas expressão sincera que fluctua ainda nestas letras, do agrado e do embevecimento que, nesses dois dias, passou por mais de dois mil corações... - Z. (*Jornal de Alagoas*, Maceió, 19 jul. 1921, p. 3).

Duas características me chamaram a atenção em seu relato: o panorama feito por Garrido a respeito do que foi comentado na cidade com a emergência das melindrosas no cinema e a importante afirmação de que o cinema é uma valiosa ferramenta para a manutenção das engrenagens que mantêm as estruturas morais de pé. Havia, de fato, uma preocupação sobre o impacto que este novo personagem social poderia causar nos arranjos vigentes.

A partir dessa leitura, debruçamo-nos sobre as edições anteriores do *Jornal de Alagoas* em busca dos anúncios dos cinemas citados por Carlos, já que, segundo ele, a primeira exibição do filme ocorreu no Cine Floriano e no dia seguinte ocorreu mais uma no Cine Odeon. O único filme exibido nestes dois cinemas nos dias indicados pelo colunista se chamava *Ladrão por gratidão*. Não consegui encontrar informações sobre o filme se não as que estavam disponíveis no *Jornal de Alagoas*. Optei por analisar os anúncios veiculados no noticiário como fonte principal, sem adentrar no conteúdo do filme em si. A chamada para a sessão do Floriano se fez da seguinte maneira:

T.C FLORIANO

AS 6,30 HORAS - Projeções nitidas

HOJE - 16 DE JULHO

LADRÃO POR GRATIDÃO

Uma legitima gloria da scena muda em um film altamente impressionante, ENID BENNET, a graciosa e loira australiana; a artista de linha sempre perfeita nas suas curiosas heroínas, reaparece nos 7 actos de amor e aventuras, norteadas pela technica superior da Paramount -

Ladrão por Gratidão -. Uma película que agrada a todos immensamente. E também: Gaumont actualidade, natural (*Jornal de Alagoas*, Maceió, 18 jul. 1921, p. 3).

Para chamar a atenção do público, o Cine Floriano optou por trazer contexto à obra e adjetivos hiperbólicos. Também endereçou a mensagem: trouxe clareza em sua campanha sobre o conteúdo de *heroína* presente na trama. Interessante ressaltar também que, apesar de esse tipo de filme ter um perfil mais conservador, o anúncio não abre mão de apelar para um outro fator: a beleza da protagonista: “graciosa e loira australiana”, “sempre perfeita”.

O cine Odeon, por sua vez, optou por uma abordagem mais direta: não considerou relevante trazer informações sobre a história que seria contada e focou no que foi considerado mais atrativo: a *deliciosa* Enid Bennet.

Após analisar as três fontes, percebo uma característica em comum: o apelo ao *erótico*. No texto assinado por Z, fica clara a indignação pela acessibilidade através do cinema a conteúdos com “expansões sensuais, beijos, decotes, champanha – o elogio e a tentação da vida alegre.” (*Jornal de Alagoas*, Maceió, 19 jul. 1921, p. 3). Apesar de deixar claro que a película em questão não possuía esse tipo de conteúdo, a necessidade de expor esse contraponto evidencia que havia uma discussão sobre a temática.

Ao analisar os anúncios do Cine Floriano e do Cine Odeon, fica perceptível que essa não era uma simples observação do colunista. Como os cinemas optaram por destacar o *erótico* na divulgação de um filme do gênero *Heroína*, isso nos sugere que as películas contendo temáticas menos alinhadas a esse perfil já estavam presentes na grade e atraíam um público considerável; de outro modo, não usariam esses recursos na divulgação.

Greta Gaard (2011), ativista ecofeminista e professora da Universidade de Wisconsin-River Falls, em seu artigo “Rumo ao ecofeminismo queer”, vai além da relação mulher x nature-

za, que muitas vezes acaba sendo associada ao estruturalismo biológico e à falácia da mulher universal. Segundo ela, “Na raiz do ecofeminismo está a compreensão de que os vários sistemas de opressão se reforçam mutuamente” (Gaard, 2011, p. 198). No mesmo artigo, ela nos traz uma interessante observação: a desvalorização do erótico na cultura ocidental é paralela à desvalorização das mulheres e da natureza.

O problema da opressão baseada na sexualidade não se restringe ao dualismo heterossexual/queer. Como teóricas/os queer têm mostrado, o maior problema é a erotofobia da cultura ocidental, um medo do erótico tão forte que apenas uma forma de sexualidade é abertamente permitida; em apenas uma posição; e somente no contexto de certas sanções legais, religiosas e sociais. A opressão de queers pode ser descrita de forma mais precisa, então, como o produto de dois dualismos que se reforçam mutuamente: heterossexual/queer e razão/erótico (Gaard, 2011, p. 202).

O texto de Gaard, apesar de neste trecho falar especificamente sobre a opressão de *queers*, foi utilizado aqui pois acredito que ele possa nos ajudar a entender um pouco sobre a postura defensiva de Carlos Garrido através da clara associação das melindrosas ao prazer e ao erótico. Enquanto colunista de um jornal tradicional de grande circulação, tomar partido se fez necessário: como pudemos ver no tópico sobre o *Jornal de Alagoas*, a redação do noticiário era composta apenas por homens de famílias abastadas. Eles escreviam entre eles e para eles. Para quem está no topo da pirâmide, a manutenção do *status quo* é de importância primeira. A figura da melindrosa poderia pôr em xeque a base sólida da família fazendo a mulher pensar que existem outras possibilidades de existência. O medo do erótico

e do prazer feminino pelos setores conservadores da sociedade se fez de maneira tão latente que acabou por sufocar qualquer expressão que ultrapasse as barreiras preestabelecidas pela normatividade.

A flapper não libertou a mulher das normas de gênero, mas antes, foi também resultado de novas experiências, novos processos de subjetivação e performatividade que constituíram parâmetros para a construção de novas normas de identidade feminina. Assim, a mulher moderna cresce acorrentada pelas normas de gênero, mas ao mesmo tempo é por meio dele que se coloca como sujeito no novo cenário citadino. O gênero continuava sendo a prisão do sujeito e ao mesmo tempo seu único modo de fazer sentido no mundo binário e conservador que continuou sendo a modernidade (Barros, 2016, p. 62).

Como Carla nos diz, apesar do rebuliço causado pelas melindrosas durante a década de 1920, o conservadorismo manteve suas estruturas e seguiu promovendo pequenas concessões às mulheres pelas particularidades inerentes ao momento. O acesso ao mundo do trabalho não se deu através do entendimento de equivalência, mas sim pela ausência de homens para ocupar os cargos vagos devido à I Grande Guerra Mundial. O direito à cidade e aos corpos não foi concedido ou conquistado, mas sim uma consequência da saída das mulheres dos lares para ocupar cadeiras em empresas e fábricas. Apesar da figura da melindrosa construída no cinema e espelhada por mulheres do período ter balançado as estruturas sociais da época, assim como a heroína, ela foi muito mais um produto criado pela indústria para a manutenção do sistema do que uma resposta social aos problemas de gênero.



Considerações finais

Este capítulo é fruto de uma longa jornada de amadurecimento dentro e fora dos muros da Universidade. Em 2016, no que seria meu penúltimo ano de faculdade, meu avô, aquele que sempre me apoiou, faleceu. Na última visita que fiz a seu leito, prometi que o que eu viesse a escrever seria dedicado a ele. Sua morte, a instabilidade que veio após ela e as inseguranças que já me assombravam por motivos outros tanto me assustaram que nada mais soube fazer além de fugir. Em vez de escrever, afastei-me da universidade. Quem eu pensava que era? Viver para refletir e fazer refletir não estava dentro das minhas possibilidades de existência.

Em 24 de março de 2023, Paula, minha grande amiga e então orientadora, também se foi. Não para o céu, pois este é um lugar que só é possível ir quem crê que ele exista. Mas sim para a imensidão do desconhecido onde tudo soa mais fluido, divertido e perigoso, como ela era. Em meus delírios saudosistas, vejo-a sentada na mesa de jantar de sua casa à meia-luz, levemente inebriada pela fumaça e pelos longos e calorosos debates em busca de despertar em quem quisesse o sentimento de coragem. Apesar da saída de cena brusca, diferente da inércia que ficou no lugar de meu avô, Paula deu espaço para a ação. Em respeito à sua memória e à intelectual que hoje sou por sua influência, fechar meu ciclo acadêmico se tornou um grande objetivo.

O convite de Elias para compor esta obra foi transformador. Dentre todas as tentativas de autossabotagem, tive que ser humilde e aceitar que não seria perfeito, mas que seria feito. “Entre o ideal e o possível, optemos sempre pelo segundo”, ele me disse. Com um prazo curto e uma insegurança avassaladora, revivo a emoção da minha versão aos 17 anos, vendo meu nome na lista de aprovadas no *site* da Comissão Permanente de Vestibular da Universidade Federal de Alagoas (Copeve-Ufal). Nunca



fui tão feliz e senti tanto medo ao mesmo tempo. Dez anos mais tarde, sinto-me tão feliz e com tanto medo quanto naquele dia. Este sonho, que por alguns momentos deixou de ser sonhado, virou realidade. Meu próximo trabalho será assinado como historiadora.

Para construir este material, busquei abrigo no bairro portuário do Jaraguá, situado na capital do estado, especificamente em um de seus imponentes trapiches, o que hoje sedia o Arquivo Público de Alagoas (APA), instituição à qual sou grata por todo acolhimento e suporte. Lá, tive acesso de maneira física a inúmeras edições do *Jornal de Alagoas* da década de 1920. Dentro do que consegui fotografar com o pouco tempo que tive, havia trechos dos anos finais da década de 1920, meses avulsos de anos iniciais, semestres dos intermediários, e todo o ano de 1921. Todo material coletado será devidamente organizado e armazenado nos arquivos do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS), além de permanecer com acesso livre e gratuito através do próprio APA.

Camila Maria Oliveira de Melo é graduanda em História - Bacharelado pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS/Ufal). E-mail: cmilammelo@gmail.com

Referências

BARROS, Carla Miucci Ferraresi de. Das heroínas às *flappers*: o cinema hollywoodiano e a construção das feminilidades (1920). *Fato & Versões - Revista de História*, Coxim, v. 8, n. 15, p. 56-69, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1966>.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Edição comemorativa de 70 anos. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2020. v. I e II.

DIAS, Gabriela Torres. *Os intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950)*. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

E assim nasceu a *Gazeta de Alagoas*. *Gazeta de Alagoas*. 25 fev. 2023. Disponível em: <https://d.gazetadealagoas.com.br/politica/398971/e-assim-nasceu-a-gazeta-de-alagoas>.

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 197-223, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/RvGgdQk5vBZk8Jsp43yStGv/abstract/?lang=pt>.

GARCIA, Loreley. A relação mulher e natureza: laços e nós enredados na teia da vida. *Gaia Scientia*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 11-16, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/3338/2739>.

GIL, Natália. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/2059/1197>.

NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SODÓ, Roberta dos Santos. “Quando ensaiamos lutar”: mulheres, imprensa e feminismos em Maceió-AL (1887-1903). 2024. 150f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.